



Almoço Agroecológico, alimentação saudável e interação campo - cidade *Agroecological Lunch, healthy food and countryside - city interaction*

FRANCH, Jaime ¹; MATTOS, Claudemar ²; SCHOTTZ, Vanessa ³; AMÂNCIO, Cristhiane de Oliveira ⁴; SANTOS, Suenya ⁵; NOGUEIRA, Fernanda ⁶

¹ Centro Tiê de Agroecologia, jaimelf@terra.com.br; ² Centro Tiê de Agroecologia, PPGCiAC / UFRJ, claud3mar@gmail.com; ³ UFRJ Macaé, vanessaschottz32@gmail.com; ⁴ Embrapa Agrobiologia, cristhiane.amancio@embrapa.br; ⁵ UFF, suenyasantos@id.uff.br; ⁶ nanuskanog@gmail.com, INCA

Eixo temático: Economias dos sistemas agroalimentares de base agroecológica

Resumo: A prática do Almoço Agroecológico acontece no âmbito e na dinâmica da Articulação de Agroecologia Serra Mar (AASM). A partir do final de 2015, por ocasião da realização da “Caravana Agroecológica do Sudeste, o Centro Tiê de Agroecologia, junto com outros parceiros e os agricultores, propuseram uma nova estratégia de comercialização para as famílias rurais, com impacto econômico e grande alcance para despertar na sociedade o interesse pelos temas da Agroecologia, ao mesmo tempo em que uma alimentação pudesse ser fornecida para os participantes dos eventos. Atualmente, o almoço agroecológico é uma realidade nos eventos que ocorrem na região, gerando renda, viabilizando uma alimentação de qualidade e saudável e organicidade local, promovendo dessa forma a transição agroecológica, soberania, segurança alimentar e nutricional.

Palavras-Chave: Agroecologia; Mercados; Segurança Alimentar e Nutricional

Keywords: Agroecology; Markets; Food Sovereignty

Contexto

A Articulação de Agroecologia Serra Mar (AASM) compreende atualmente os municípios de Araruama, Casimiro de Abreu, Macaé, Rio das Ostras, Silva Jardim, na baixada litorânea do estado do Rio de Janeiro. Participam da articulação organizações de apoio e agricultores familiares que constroem alguma experiência coletiva em agroecologia, tais como: feiras, certificação orgânica, grupo de trabalho de mulheres, rede de viveiristas florestais, agroflorestas, guardiões de sementes crioulas e o almoço agroecológico. Historicamente a região possui uma ocupação do território através de extensos latifúndios. Além disso, sofre efeitos socioambientais que atingem o desenvolvimento rural a partir da implantação da Petrobrás no município de Macaé, tornando o contexto mais complexo e adverso.

Tratando-se de sistemas de produtivos em dimensões e escala de produção reduzidas, o mercado atacadista não viabiliza economicamente as famílias, seja pela prática de preços promocionais nas redes de supermercados, seja pela desvalorização da produção de alimentos agroecológicos. Além disto, contribuem para agravar os entraves da comercialização local, a invisibilização da agricultura camponesa e a informação insuficiente sobre alimentação saudável e sobre produção agroecológica. Aliado a este processo vinculado à comercialização, na



região é alta a incidência de casos de uso de agrotóxicos e consequentes ocorrências de doenças e problemas ambientais.

Esse panorama adverso levou os protagonistas das práticas agroecológicas articuladas em torno da AASM, a busca por estratégias de comercialização direta como tem ocorrido em vários municípios. A construção social de mercados, tais como as feiras da roça, da agricultura familiar, agroecológicas e orgânicas surgiram a partir dessa necessidade, e se concretizam como expressões da resistência e busca de autonomia pelas agricultoras e agricultores. Os agricultores e agricultoras praticantes dos princípios agroecológicos têm experimentado novas formas de se organizar para melhor comercializar os produtos advindos das suas lavouras. Os principais meios de comercialização dos produtos agroecológicos são as feiras locais em Macaé, Rio das Ostras, Casimiro de Abreu e em Silva Jardim, além das vendas no sistema de porta em porta (SOUZA, 2009 e MATTOS et al., 2014).

Aproveitando o ato público e a culminância da “Caravana Agroecológica e Cultural do Sudeste”, realizada em 2015 em Casimiro de Abreu, o Centro Tiê de Agroecologia, junto a uma rede de parcerias e de agricultores, propuseram uma nova estratégia de comercialização para as famílias rurais, com impacto econômico e grande alcance para despertar na sociedade o interesse pelos temas da Agroecologia, principalmente o apoio à transição agroecológica. Ao mesmo tempo em que esta alimentação pudesse ser fornecida para os participantes do evento, pudesse superar a invisibilidade das agricultoras e dos agricultores, e também aproveitar a oportunidade dos mercados de proximidade. Na culminância desta Caravana, iniciativa do Projeto Comboio Agroecológico do Sudeste, o principal argumento dos organizadores para sensibilizar agricultores e moradores da cidade de Casimiro de Abreu para participarem do ato público, era proporcionar um diálogo com a sociedade, na qual a denúncia se expressaria não pelo enfrentamento, mas pelo acolhimento, pela criatividade dos sujeitos e pelas intervenções culturais e políticas. A Caravana teve o alimento como meio de comunicação e aproximação, valorização dos agricultores e suas práticas culinárias, seus saberes e modos de vida. (CABRAL, 2016)

A partir da superação dos desafios colocados pelo ato público da Caravana do Sudeste, que era alimentar um público diverso, composto por militantes da agroecologia, e também por uma sociedade carente de espaços culturais e de informações claras sobre a dinâmica da agricultura familiar, o “Almoço Agroecológico” passou a integrar, de forma permanente, o calendário de eventos e/ou atividades promovidos pela AASM ou por grupos e instituições que a integram.

Descrição da Experiência

O Almoço Agroecológico é um evento onde os agricultores familiares podem oferecer seus produtos, fruto do trabalho das famílias em seus sítios, transformados em pratos tradicionais, a preço justo, acompanhado de programações culturais e esclarecimentos sobre temas como: segurança alimentar, agrotóxicos, reforma



agrária, conservação ambiental entre outros. Toda renda dos Almoços Agroecológicos é destinada às famílias. Essa lógica tem incentivado a algumas famílias à reflexão sobre a permanência na atividade rural, diversificação da produção nos sítios, valorização do papel da mulher e de jovens, bem como o interesse na produção e certificação orgânica.

No início, o almoço agroecológico tinha a participação de duas irmãs agricultoras que têm experiência com cozinhas industriais. Hoje envolve diretamente 4 famílias de agricultores no preparo e fornecimento das refeições, sendo 3 famílias de agricultores certificados pelo Sistema Participativo de Garantia (SPG), e indiretamente cerca de 15 famílias no fornecimento dos gêneros alimentícios utilizados no preparo dos pratos. Cerca de 15 mulheres, 10 homens, sendo 10 jovens estão envolvidos diretamente no almoço agroecológico. Este grupo teve orientações de nutricionistas em oficinas de pré-preparo de alimentos, e entre erros, acertos e trocas entre eles, assessores técnicos e clientes foram acumulando conhecimentos sobre a preparação da comida de verdade.

Um dos aprendizados foi tornar a prática do serviço do almoço agroecológico, que antes era individual por família, para uma prática coletiva, principalmente para adequar e otimizar a infraestrutura disponível (tamanho da cozinha, equipamentos e utensílios), e também para equilibrar e melhor distribuir a renda obtida pela venda das refeições, pois em algumas oportunidades não é possível a participação de todas as famílias, sendo necessário planejar um revezamento entre elas.

O cardápio é elaborado conforme o público e o tipo de evento. Neste caso, os participantes do Almoço Agroecológico aprenderam a elaborar e preparar menus com opções vegetarianas e veganas, substituindo ingredientes processados por ingredientes naturais. Contudo, são priorizados menus com a maior quantidade possível de ingredientes das próprias lavouras ou de agricultores vizinhos, a fim de não só valorizar e fortalecer a agricultura do território, mas também para viabilizar que os preços sejam acessíveis ao público do evento.

Os preços das opções de pratos são definidos conforme os custos operacionais e fixos para a montagem da cozinha, transporte, compra dos gêneros alimentícios, equipamentos, insumos, etc. Mas, também consideram aspectos e princípios da economia solidária e da agroecologia a fim de popularizar a alimentação saudável e proporcionar visibilidade para agricultura familiar, na definição de uma justa remuneração do trabalho, e numa maior margem de “lucro”. Após cada evento, o grupo se reúne para avaliá-lo e também para a apuração dos gastos e distribuição da receita líquida, após o reembolso das despesas efetivadas por cada um. Desta forma a definição dos preços são ajustadas.

Entre os desafios que o grupo tem dialogado, os principais são: adequar a produção dos próprios agroecossistemas e da agricultura local para o fornecimento para o cardápio do Almoço Agroecológico; viabilizar estrutura coletiva própria de transporte, equipamentos e utensílios; ampliar o exercício da contabilidade e prestação de



contas, tendo mais atenção ao planejamento para evitar compras em excesso, e priorizar produtos agroecológicos ao invés de produtos dos supermercados; trabalhar a divulgação do almoço durante os eventos, destacando a importância da agroecologia e da agricultura local na viabilização de uma alimentação saudável. E por último, proporcionar uma gestão adequada dos resíduos, reduzindo a utilização de pratos, talheres e copos descartáveis, bem como a destinação adequada dos resíduos.

Resultados

Desde a sua primeira realização em 2015, o Almoço Agroecológico, vem participando de vários eventos dentro do território ou mesmo fora dele, como exemplo temos a parceria com o Plante Rio, evento promovido pela Fundação Progresso. Desde a primeira edição em 2016, a Equipe do Almoço Agroecológico vem servindo parte das refeições durante o evento. Estima-se que até então foram servidas cerca de 1.500 refeições nas três edições do Plante Rio. No mesmo ano o Almoço Agroecológico participou do evento Diálogos Extensionistas Transdisciplinares na UFF/ Rio das Ostras, a partir das atividades realizadas pelo projeto de extensão Semeando Agroecologia. Em 2018 e 2019 participou das Jornadas Universitárias em Defesa da Reforma Agrária na Cidade Universitária de Macaé que reúne cursos da UFRJ e UFF. Outro grande evento ocorreu em junho de 2017 onde, em dois dias de atividades, aproximadamente 6000 refeições foram servidas por 20 famílias de agricultores durante o I Festival do aipim de Casimiro de Abreu organizado pela prefeitura municipal.

A prática dos Almoços Agroecológicos tem proporcionado incremento na renda dos agricultores familiares da região sendo uma ótima estratégia de “auto financiamento” para essas famílias. Os eventos seguem os princípios agroecológicos dando visibilidade e valorizando o protagonismo das mulheres. Também tem proporcionado manifestações culturais locais, artesanatos e toda forma possível de interação com o público. As pessoas passam a entender melhor o universo familiar rural, sua cultura alimentar, sua relação com o cultivo de alimentos saudáveis, isentos de agrotóxicos, diversificados e de acesso mais democrático e também as lutas dos agricultores e agricultoras familiares pelo direito a terra e meio ambiente equilibrado.

Esta iniciativa está em consonância com o Guia Alimentar (BRASIL, 2014), no que diz respeito a “comida de verdade”, refeições preparadas com ingredientes naturais, agroecológicos, contextualizados regionalmente, e que resgata a importância do ato de cozinhar como um ato político de resistência ao avanço dos alimentos/produtos ultraprocessados Além de que possibilita colocar o debate da comida como uma forma de interação e diálogo, conforme a Campanha “Comida é patrimônio!”.

Além de se constituir em uma estratégia de comercialização para as famílias agricultoras que participam dessa experiência, o “Almoço Agroecológico” também se configura em uma potente ferramenta de comunicação popular que promove a



interação campo-cidade tendo a “comida” como mediadora, “capaz de contribuir com a construção de autonomias e ampliação do poder popular.” (CASEMIRO et al., 2016)

Nesse contexto, algumas estratégias de comunicação são desenvolvidas durante os Almoços Agroecológicos: aulas públicas e debates sobre a conjuntura nacional de uso de agrotóxicos no Brasil e seu impacto sobre a saúde humana e ambiental; rodas de conversa com relatos de experiências de agricultores e agricultoras que praticam a agroecologia com o objetivo de compartilhar saberes; jogral; apresentação de teatro popular e exposição de uma tenda informativa sobre a contaminação de agrotóxicos nos alimentos, com publicações técnico-científicas, distribuição de panfletos e cartilhas.

Agradecimentos

A autoria deste resumo agradece imensamente às agricultoras e agricultores protagonistas do Almoço Agroecológico: Marineide, Márcio, Mardoni, Penha, Wagner, Juraci e Manoel, Marinete e Pedro. Também agradecemos os assessores técnicos da Secretaria de Agricultura de Casimiro de Abreu: Simone Dutra e Anselmo Nazário pelo constante apoio aos agricultores em suas lavouras e feiras, possibilitando que os alimentos sejam preparados para o almoço. A Denise Majima agradecemos pela preocupação com a ornamentação do espaço com suas belas flores tropicais. E a toda companheirada da Articulação de Agroecologia Serramar e as demais articulações de agroecologia regionais do Rio de Janeiro. E Alexandre Gollo pelas redações iniciais para a sistematização desta experiência.

Referências bibliográficas

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Guia alimentar para a população brasileira** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – 2. ed., 1. reimpr. – Brasília: Ministério da Saúde, 2014. 156 p.: il.

CABRAL, L. A. da S. **A Caravana Agroecológica e Cultural do RJ como Estratégia de Construção do Conhecimento Agroecológico**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de Graduação em Agronomia. 2016. 51 f.

CASEMIRO, J.; Dias, J.; Chiffolleau, M.; Schottz, V. **Comida: esse diálogo sem palavras**. Revista Advir. Dossiê: A questão da Segurança Alimentar e Nutricional: avanços e retrocessos. Nº 34. Junho/2016. – 2016. 51 f.; 11 figs.

MATTOS, C.; FRANCH, J. L.; MICHELINI, T. B.; BENTO, M. I. Experiência Agroecológica da Articulação de Agroecologia Serramar. In: **Caminhos**



Agroecológicos do Rio de Janeiro: experiências agroecológicas / 1. Ed. AS-PTA, PACS, 2014. p. 165-171

SOUZA, M. R. P. F. de. **Interação entre o tradicional e o científico na construção do conhecimento agroecológico:** o caso de agricultores de Casimiro de Abreu e Silva Jardim-RJ. Dissertação (Mestrado em Engenharia da Produção). Rio de Janeiro: UFRJ/COPPE, 2009.